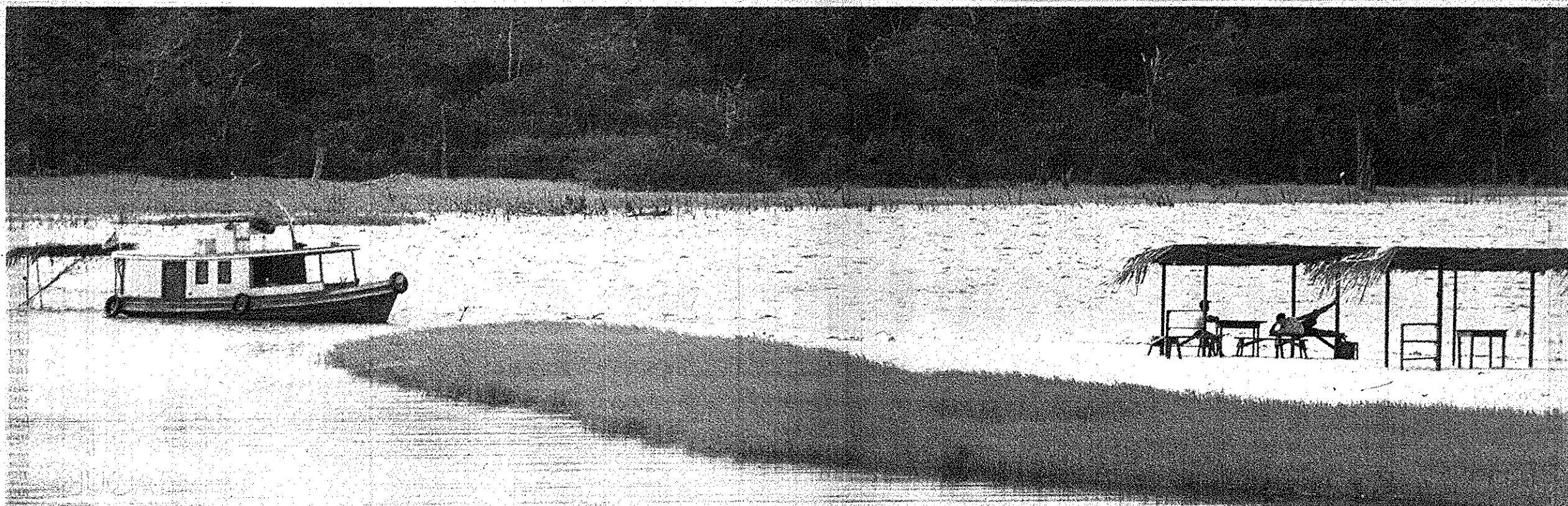


Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal da Tarde Class.: Amazônia / Desmat.
 Data: 29/06/93 Pg.: 12 172



A floresta amazônica: estudo norte-americano contesta a devastação e gera polêmica.

ESSE ESTUDO FAZ CONFUSÃO ENTRE QUEIMADAS E DESMATAMENTO

(De Roberto Smeraldi, da FOE, sobre a pesquisa que contesta a devastação da Amazônia.)

Amazônia: polêmica mundial.

PESQUISA NORTE-AMERICANA QUE CONTESTA O DESMATAMENTO PROVOCA REAÇÃO DE AMBIENTALISTAS

LIANA JOHN

O bate-boca sobre os números reais do desmatamento da Amazônia agora é internacional. A exemplo do que aconteceu no Brasil em 1989 — quando os números da devastação amazônica divulgados pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, INPE, foram amplamente discutidos através dos jornais — uma nova polêmica se instaura entre cientistas americanos e entidades ambientalistas.

Na última quinta-feira, David Skole, da Universidade de New Hampshire, e Compton Tucker, da NASA, a agência espacial americana, divulgaram um estudo feito com base em imagens de satélite entre 1978 e 1988. O trabalho complementa os levantamentos feitos pelo INPE de 1988 a 1992 e chega à mesma conclusão: a devastação na Amazônia brasileira foi superestimada.

Segundo Tucker e Skole, o desmatamento total da Amazônia brasileira, entre 78 e 88, foi de 15 mil quilômetros quadrados anuais e não 40 mil a 80 mil como apontavam estimativas publicadas pelo Banco Mundial e pela FAO.

O estudo dos dois americanos está na revista Science de julho e ainda nem chegou às bancas, mas já foi contestado pela Friends of the Earth, FOE, entidade ambientalista com sede em Roma, Itália. O responsável pelo programa da Amazônia na FOE, Roberto Smeraldi, enviou ontem à imprensa seus comentários sobre o trabalho dos cientistas americanos, onde discute a validade do estudo. Smeraldi diz que não foi computada a perda de savanas e campos; contesta a desaceleração do desmatamento e "faz confusão entre queimadas e desmatamento".

Interesse político

NÚMEROS MANIPULADOS

Exatamente como nas discussões brasileiras de 89, a origem da nova polêmica está na falta de conhecimento técnico sobre satélites e no uso político dos resultados apurados. Os levantamentos baseados em imagens de satélite tem uma margem de erro, relacionada ao fato de algumas regiões estarem cobertas de nuvens, o que impede o registro do satélite.

Essa margem de erro, porém, é menor que os erros cometidos no cálculo estatístico do desmatamento porque nas imagens de satélite as áreas desmatadas são contadas, uma a uma, enquanto nas estimativas elas são projetadas a partir de um estudo restrito de campo. Em outras palavras, os números baseados em imagens de satélite não são perfeitos, mas são os mais próximos da realidade.

Nem sempre, porém, essa realidade interessa. E, não raro, os números servem de joguete nas mãos dos políticos. Quando precisaram amenizar seus papéis de vilões, os países poluidores usaram os números superestimados da FAO e colocaram a Amazônia em terceiro lugar no ranking do efeito estufa. Durante a Rio-92, ao negociar uma convenção de florestas em que pretendiam restringir apenas o corte de madeira tropical e deixar o mercado livre para a madeira temperada de suas florestas, os Estados Unidos também usaram os números da FAO.